

MEDICINA NA·BEIRA·INTERIOR DA·PRÉ-HISTÓRIA·AO·SÉCULO·XXI

XX NOV. 2012 XX



FICHA TÉCNICA

Título:
CADERNOS DE CULTURA
MEDICINA NA BEIRA INTERIOR
DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI

Edição
Nº XXVI de Novembro de 2012

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Director:
António Lourenço Marques

Coordenadora:
Maria Adelaide Neto Salvado

Secretariado:
Quinta Dr. Beirão, 27 - 2.º E
6000-140 Castelo Branco - Portugal
Telef.: 272 342 042

Design da capa:
Hugo Landeiro Domingues com lustração sobre
Gravura da *Materia Medica de Dioscorides*

Composição, Paginação, Impressão
e Acabamento:
GRAFISETE - Artes Gráficas, Lda.
Rua Jornal do Fundão, 4-B, 6230-406 Fundão

Patrocínio:



Câmara Municipal de Castelo Branco

SUMÁRIO

- 3 Mensagem do Presidente da República
- 4 Discurso do Presidente da República
- 7 João Rodrigues de Castelo Branco, Amato Lusitano; Um albicastrense exemplar
Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco
- 8 A história de Amato Lusitano na História de Portugal
João Marinho dos Santos
- 14 O meu Amato Lusitano
Luís Nuno C. Ferraz de Oliveira
- 20 Amato Lusitano em Ancona: a tragédia da família Pires
António Lopes de Andrade
- 28 Amato Lusitano entre o Index Dioscoridis(1536) e as Enarrationes(1553)
João Manuel Nunes Torrão
- 31 Do Index às Enarrationes – Um esboço de estudo comparativo através de quatro entradas
Carlos de Miguel Mora
- 37 João Rodrigues Lusitano – Doutor Amado – serviu as Musas: amou a Poesia, cultivou a Ciência
Alfredo Rasteiro
- 45 As parasitoses nas Centúrias de Amato Lusitano
J. A. David Morais
- 55 O ser humano na clínica de Amato Lusitano – rumo ao conceito de dignidade
António Lourenço Marques
- 61 Amato Lusitano num Mito e um Mito em Amato
Adelaide Salvado
- 67 João Rodrigues... Amado, Lusitano, de Castelo Branco (1511-1568): Contributo para uma aclaração dos seus elos familiares
Joaquim Candeias da Silva
- 74 No cenotáfio de Amato
Maria José leal
- 78 Amato Lusitano: a propósito de uma breve nota resendiana
Virgínia Soares Pereira
- 81 Janela de aromas: excertos do Index de Amato Lusitano
António Maria Martins Melo
- 88 As filhas de Pirro em Amato Lusitano, Um caso de embriotomia (VI Centúria, Cura LI)
Maria do Sameiro Barroso

Janela de aromas: excertos do Index de Amato Lusitano**

António Maria Martins Melo*

Nesta altura do ano, a correr o mês de Setembro, vivem-se os primeiros sinais do Outono: languidamente se espraíam as flores no campo e ventos mais fortes vão despindo paulatinamente as árvores de suas folhas, amarelecidas e já saudosas do seu viçoso verde primaveril. Ressequidas, como que a crepitar, deixam-se esmagar pelos nossos pés apressados no início de mais uma jornada, de um tempo renovador de sonhos e de esperanças; um «outro ano, outra flor, outro perfume... a permanente rendição da vida» a anunciar a eternidade, nas palavras de Miguel Torga, de um dos seus poemas inserto no pequeno opúsculo do *Orfeu Rebelde*, editado, pela primeira vez, em 1958. É esta uma época rica de colheitas, dos pomares às searas e às vindimas, e com elas se vão finando as fragrâncias que, ao longo dos últimos meses, invisivelmente tonificaram a Vida. E de fragrâncias, de perfumes e de óleos perfumados, é o assunto que nos vai ocupar nesta pequena reflexão. Delas e também, concomitantemente, de algumas referências textuais aos descobrimentos portugueses e da sua importância para o desenvolvimento da ciência e da afirmação de um novo espírito, de natureza científica, que tanto havia de beneficiar com a valorização crescente do experimentalismo como critério de verdade, numa atitude que tantas vezes contrariava a *authoritas* dos Antigos e que ganhava expressão, entre nós, com Pedro Nunes, D. João de Castro ou Garcia de Orta, na primeira metade do século XVI. Uma mentalidade na esteira de Duarte Pacheco Pereira que, logo no início deste século, nas páginas do *Esmeraldo de Situ Orbis*, havia de insistentemente sublinhar o valor da experiência humana, como nesta passagem do capítulo segundo, do primeiro livro, que se há-de repetir de diversas maneiras, conforme transcrição feita a partir do manuscrito 888, fólio 6r, disponibilizado pela Biblioteca Nacional, nas coleções digitalizadas: «... e alem do que dito he ha expiriencia que he madre das cousas nos desengane e de toda duuida nos tira...»¹.

É neste ambiente que Amato Lusitano, depois de concluídos os seus estudos em Artes e Medicina na Universidade de Salamanca, em 1532, regressa a Portugal e, no exercício da clínica entre nós, parece ter cal-

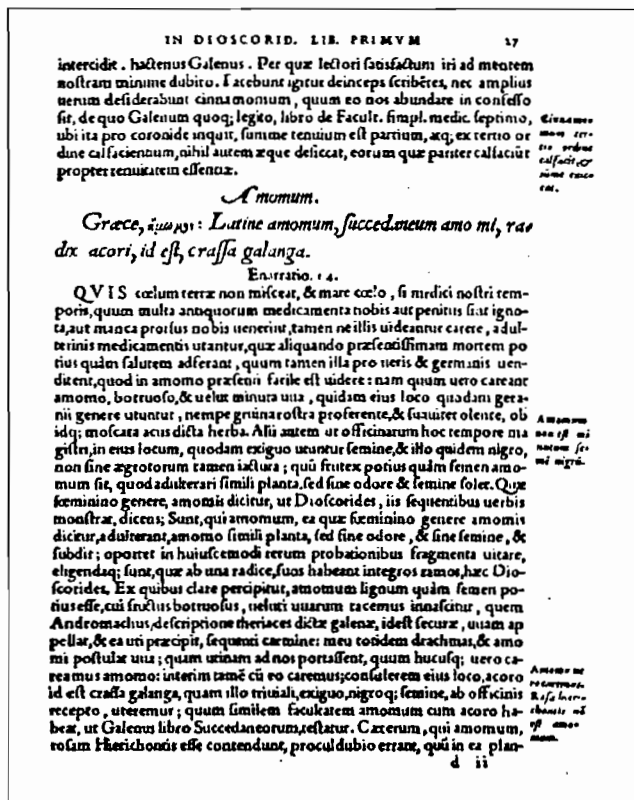
correado algumas regiões, nomeadamente as Beiras, o Ribatejo e a Extremadura, uma ocasião propícia para estudar e aprofundar os seus conhecimentos acerca da fauna, da flora e dos minerais².

Mas naquela época, os ventos não sopravam de feição para os cristãos-novos e o médico albicastrense viu-se compelido a rumar a Antuérpia, em 1534, pouco antes do estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício no Reino de Portugal. Em terras da Flandres que, na altura, acolhiam um empório comercial prestigiado no norte da Europa, integra-se na condução dos negócios familiares, que lhe proporcionam contactos privilegiados com mercadores, herbanários, boticários e médicos. Deste modo, vai aprofundando os seus conhecimentos, na sequência da sua experiência enriquecedora na capital do reino português, então um centro importantíssimo de comércio dos mais variados produtos provenientes do Oriente, nomeadamente especiarias, simples e drogas³.

É neste contexto que Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco) vai publicar o seu primeiro livro em 1536, o único a ostentar o seu nome de baptismo, que, abreviadamente, dá pelo nome de *Index Dioscoridis*⁴. Este pequeno tratado apresenta as primícias do seu pensamento, resultantes da leitura que ele fez do tratado grego de Dioscórides, que em tradução latina dá pelo título de *De materia medica libri quinque*. Estes seus comentários haviam de ser mais desenvolvidos numa publicação posterior, dada à estampa na cidade de Veneza, corria o ano de 1553⁵, as *In Dioscoridis Enarrationes*. Uma obra concluída já em terras italianas, mais propriamente em Ferrara, e que muito ficaria a dever à sua experiência acumulada enquanto mercador, médico e professor na universidade desta cidade. Como ele, também a comunidade judaico-portuguesa, acossada pelas circunstâncias adversas desta época, se viu obrigada a abandonar Antuérpia; no Verão de 1540, já há notícias da presença de Amato Lusitano em Ferrara⁶.

No âmbito do projecto de investigação “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, que está a ser desenvolvido sob a coordenação de António Manuel Lopes Andrade, Pro-

fessor do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, coube-nos em sorte a transcrição, estudo e tradução do texto latino compreendido entre os fólhos 6v e 11r do *Index* (Philologia XIII-XLV), um livro no formato in-pleno.



Trata-se de uma impressão executada nos caracteres mais difundidos pela tipografia da Europa Ocidental, os caracteres romanos, neste caso, o tipo redondo, e que apresentam algumas dificuldades na sua leitura, sobretudo na presença de algumas abreviaturas; a mancha de impressão é bastante compacta. Vem a propósito referir que deste ano de 1536 datam as primeiras obras impressas em Coimbra, nestes caracteres, tanto no tipo redondo como no itálico, a partir da nova tipografia instalada no Convento de Santa Cruz⁷.

Cada uma das entradas está estruturada em três textos distintos: em primeiro lugar, na *philologia*, e como o próprio vocábulo sugere, o médico humanista vai ocupar-se das várias designações da espécie vegetal ou outra, em diferentes línguas, nomeadamente o Grego, o Latim, o Português, o Espanhol e o Francês; estas duas últimas propostas de tradução podem carecer ainda, naturalmente, de uma melhor solução. Nas *Enarrationes*, esta informação, como veremos mais tarde, é mais alargada, pois acrescenta o Germânico, o Itálico, o Pérsico, que constitui uma preciosa fonte linguística para o estudo das variedades escritas e orais das línguas. Em alguns casos, acrescenta uma variante colhida no senso comum, que publicamente é a mais

conhecida, a mais corrente, através do advérbio latino *Vulgo*. Por isso, há a tentação de traduzir o vocábulo *philologia* para o seu equivalente na língua portuguesa, «Filologia». Contudo, e atendendo a que este vocábulo nos remete, geralmente, para uma concepção que nos aproxima da edição crítica dos textos, comentada, uma actividade que se iniciou na Grécia Antiga com a necessidade de tornar compreensíveis os escritores antigos, como Homero; ficaria célebre a escola de Alexandria (III – I a. C.), com Aristófanes de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia. Assim, e dado que entre nós a palavra filologia chegou mesmo a empregar-se com o sinónimo de linguística em geral, propomo-nos, à falta de melhor sugestão, traduzir «Philologia» por «Nome», isto é, «palavra que designa e distingue qualquer pessoa, coisa ou animal», conforme se lê na respectiva entrada do Tomo IV do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, uma edição do Círculo de Leitores (1991), em consonância com a sua etimologia. O segundo texto, intitulado *Historia Dioscoridis*, faculta a súpula de conhecimentos transmitidos por Pedanius Dioscórides, médico e naturalista grego que viveu em Roma, natural que foi de Anazarba, na província Cilícia, onde terá nascido provavelmente no ano 40 d. C, distinguindo-se, sobretudo, como botânico e farmacólogo. No seu livro, acima citado, ele vai ocupar-se sobretudo da identificação das plantas e das suas propriedades medicinais. Neste contexto, atrevemo-nos a traduzir este sintagma por «Descrição de Dioscórides». De referir que Amato vai seguir de perto, neste capítulo, a tradução latina e o comentário feitos pelo humanista italiano da República de Florença, Marcelo Virgílio, como a seu tempo será demonstrado por um dos membros desta equipa de investigação, João Nunes Torrão. Por último, o comentário intitulado *Iudicium nostrum*, ou seja, «A nossa opinião», uma expressão já acolhida favoravelmente pelos tradutores deste grupo de investigação. É precisamente aqui que o nosso humanista, de 'nome' latinizado Amato Lusitano, vai tecer os seus comentários, tantas vezes correcções aos autores clássicos ou contemporâneos, apoiando-se na sua experiência. Aí vamos encontrar menção aos gregos Teofrasto (séc. IV – III a. C.),

Plutarco (c. 46-120), Galeno (séc. II d. C.) e Paulus Aegineta (séc. VII d. C.); dos autores romanos, Plínio o Antigo (séc. I d. C.), autor da celebrada *História Natural*, em 37 livros; dos autores árabes, Avicena (c. 980-1037), nome latinizado de Abū Alī al-usayn ibn Abd Allāh ibn Sīnā, autor do famoso *Cânone da Medicina*; dos autores coevos, encontram-se referências a Hermolaus Barbarus e a Joannes Ruellius, entre outros. O número de referências, que não-de abarcar outras

NOME XVIII – em grego βάλσαμον, ὀποβάλσαμον, χυλοβάλσαμον; em latim, *balsamum, liquor balsami, lignum balsami*; vulgo, *balsamo*.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o bálsamo é um arbusto (*Balsamum arbuscula est*) que cresce até à altura da violeta ou do lício⁹ (*quae violae aut licii magnitudine crescit*), que também é conhecido por escambroeiro¹⁰, isto é, buxo espinhoso (*quod pyxacantha id est buxea spina etiam dicitur*); tem folhas parecidas com a arruda, ainda que muito mais brancas e perenes, mais viçosas na sua copa (*rutae folia habet, multo tamen candidiora perpetuaque fronde magis virentia*). Nasce na Judeia, apenas num certo vale, e no Egípto (*in Iudaea eiusque convalle quadam tantum et in Aegypto nascitur*).

NOME XIX – em grego, ἀσπάλθος; em latim, *aspalathus*. O sucedâneo *darsisan*¹¹ é uma semente do agnocasto (árvore-da-castidade) (*semen agni casti*), ou a semente de urze (*vel semen ericae*).

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o aspálato é um arbusto lenhoso que pica, provido de numerosos espinhos (*aspalathon lignosus est crebrisque spinis aculeatus frutex*), que os perfumistas usam para tornar espessos os óleos aromáticos (*quo spissandis unguentis unguentarii utuntur*).

NOME XX – em grego, βρύον; em latim, *bryon, muscus, usnea*; correntemente, *musguo, moscus almíscar* (almíscar).

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o musgo encontra-se abundantemente nestas árvores (*bryon multus invenitur hic in arboribus*): no cedro, no álamo branco e no carvalho (*cedro populo alba et quercu*).

NOME XXI – em grego, ἀγάλλοχον; em latim, *xilo aloes, lignum aloes*; em espanhol, *el lenho aloé*¹²; em alemão, *aloes hout*.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o agáloco é um tronco de árvore que é trazido da Índia e da Arábia (*Agallochon lignum est quod ex India et Arabia affertur*), semelhante ao tronco da tuia (*thyiae ligno simile*), mosqueado e perfumado (*punctis distinctum et maculosum, odoratum*), adstringente ao gosto, com um ligeiro amargor (*cum amaritudine aliqua gustum adstringens*), de casca semelhante ao couro, algo jaspeada (*cortex corii similitudinem habet colore vario*).

NOME XXII – em grego, νάρκαφθον; em latim, *narcaphthum, lignum aquilae*; em espanhol, *el aguila lenho*; em português, *aguila paoo*.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o narcafto¹³ tem o aspecto e a forma de uma casca (*Narcaphthon corticis speciem, et figuram habet*), semelhante à entrecasca da figueira do Egípto¹⁴ (*Aegyptiae fici libro similem*).

NOME XXIII – em grego, κάγκαμον; em latim, *cancamum, lacca gummi*; em espanhol, *guoma loca*; em português, *alacar*¹⁵.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o câncamo é a lágrima de uma árvore que nasce na Arábia (*cancamon lachrima est in Arabia nascentis arboris*), que tem alguma semelhança com a mirra (*myrrhae aliquam similitudinem habet*), e de gosto repugnante, que se percebe pelo cheiro (*et viroso in gustu odore sentitur*).

NOME XXIV – em grego, κῶφι; em latim, *cyphi*.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o *cyphi* é uma preparação de vapor perfumado e incenso consagrada aos deuses (*Cyphi odorati vaporis et incensi confectio dicata diis est*).

NOME XXV – o Κρόκος é o nosso açafão (κρόκος *crocus noster est*) com que se preparam a cada passo os condimentos da cozinha (*quo condimenta coquaria passim ornantur*). Dioscórides omitiu a sua descrição como se fosse tida frequentemente como uma coisa óbvia entre as delícias da gula (*cuius descriptionem Dioscorides tanquam de re passim obvia et in delictiis gulae habita omisit*); ora, nós vamos poder apresentá-la com os nossos próprios recursos (*nos vero eam nostro Marte aperiamus*).

O açafão é, pois, uma erva de folha fina, pontiaguda e pequena (*est igitur Crocus herba folio gracili, angusto, parvo*), quase à maneira de uma cabeleira postiça (*pene in capillamenti modum*), a qual tem a raiz bulbosa separada a meio, semelhante a outras amêndoas (*cui radix bulbosa nucleis intersecta alliis simillima inest*), florescendo no ocaso das plêiadas¹⁶, sendo uma flor celestial (*florens vergiliarum occasu flore caelestino*), nas quais nascem esses filamentos embotados, agora dito açafão, conquanto depois perfumados (*quibus capilli illi nunc crocus dictus hebetes licet postea odorati crescunt*). Ainda que o da Cilícia se apresente como o mais célebre (*qui licet Cilicius nobilior existat*), contudo, entre os habitantes da Hispânia, é reconhecido como bom o outro açafão que, na verdade, se diz silvestre (*bonus tamen apud Hispanos comperitur, alter vero silvestris dicitur crocus*), a partir do qual se deve colher a cabeça de cnitii, isto é, do cãrtamo (*de quo cnitii caput, id est, carthami legendum est*). Os poemas dos poetas dão a conhecer outro açafão, de nome diferente, segundo o tamanho da sua

flor (*Caeterum crocum adolescentem in florem sui nominis mutatum poetarum narrant fabulae*).

NOME XXVI – Κροκόμαγμα (em grego), *crocomagma* (em latim), é ele um unguento de óleo de açafraão (*olei crocini faex est*), que os boticários têm escondido, e nem os modernos condenam tal facto (*quam instructores officinae reconditam habent, nec neoterici improbant*).

NOME XXVII – em grego, ἑλένιον; em latim, *inula, enula campana, terminalium, verbascum, idaeum*; em espanhol, *raiz de alla*; em alemão, *alantfrant*.

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – o helénio tem folhas pontiagudas (*folia habet angusta*), parecidas com as do verbasco (*folio verbasco similia*), um tanto mais ásperas e muito compridas (*asperiora tantum et longissima*). Em alguns locais, não exhibe caule (*caulem aliquibus locis non profert*) e apresenta uma raiz, de dentro para fora, do esbranquiçado para o vermelho (*radicem habet intus albescentem foris rubentem*), de um aroma forte (*odoratam grandem*), acre, tenro e de grande flexibilidade (*acrem, facili lentore mollem*).

NOME XXVIII – ὀμφάκινον ἔλαιον, *oleum onfancinum*: o óleo onfacino extrai-se de azeitonas não amadurecidas (*quod ex imaturis olivis exprimitur*) e no nosso tempo não é permitido o seu uso na saúde (*non hac nostra aetate in sanitatis usu permittitur*), antes se prefere o azeite extraído de azeitonas amadurecidas (*sed potius maturum*) pois aquele, que é mais áspero ao paladar, foi preterido sobretudo no uso médico (*illud vero acerbum quam maxime medico usui deservit*); por outro lado, como para alguma medicina cirúrgica ele é como que um visgo (*atque chirurgicorum nonnulli uti Guido est*), colocam-no entre os medicamentos de maior repercussão (*inter repercutientia medicamentum ponunt*) e é por isso que é tão bem guardado nas oficinas (*quare in officinis optimum servatur*).

NOME XXIX – Ἐλαιον ἐκ τῆς ἀγρίας ἔλαιος, um óleo que é produzido a partir das azeitonas do zambujeiro¹⁷ (*oleum quod ex oleastri olivis funditur*).

NOME XXX – Ζικυώνιον ἔλαιον, óleo de uso comum proveniente do óleo dos sicíonios (*oleum ab communi usu ex oleum Zicyonium*).

NOME XXXI – em grego, ἑλαιόμελι; em latim, *elaeomeli* (oleomel, em português).

DESCRIÇÃO DE DIOSCÓRIDES – O oleomel, nas palmeiras da Síria (*Elaeomeli in palmyris Syriae*): de um certo tronco da árvore, flui naturalmente um óleo

demasiadamente espesso, de sabor doce (*ex arboris trunco quodam melle crassius oleum sponte manat sapore dulci*).

NOME XXXII – Κίκινος, óleo de rícino, estamos certos de que se trata do óleo da catapúcia-maior, como compreendemos a partir do Livro 3, Capítulo 158 (*cicinum sive ricinum oleum catapucee maioris oleum esse credimus ut ex III libro, capite CLVIII comprehendimus*), ainda que Marcelo Virgílio, sem dúvida um escritor diligente, tome este óleo como sendo o do feijão; na verdade, entre os Árabes, diz-se que é um óleo proveniente de *cherua* (*quanquam Vergilius Marcellus diligens sane scriptor pro phaselo interpretatur hoc vero apud Arabes de cherua oleum dicitur*), fala-se da sua abundância em receptáculos, embora verdadeiramente não possa ser preparado em qualquer lugar, dado que há falta da própria planta que os habitantes de Valência, na sua língua, chamam *muiagera* (*cuius in receptulis tam frequens mentio fit quanquam non ubique verum conficiatur cum herba ipsa careant quam valentini suo idioma te muiagera appellant*).

NOME XXXIII – Αμυγδάλινον ἔλαιον, é óleo das amêndoas ou o óleo metópio, do qual hoje se conservam duas espécies, não só o óleo de amêndoas doces como também o das amêndoas amargas (*oleum amigdarum sive metopium oleum est, cuius duo genera hodie servantur, et de dulcibus et de amaris amigdalidis*).

NOME XXXIV – Βαλάνινον ἔλαιον, óleo de bolota ou proveniente do mirobálano, da conhecida glande perfumada, é um óleo de alguma espécie dos mirobálanos (*oleum balaninon sive e myrobalano unguentaria dicta glande, oleum ex aliquo mirabolanorum genere est*), porém no meio do protesto do compilador que assevera que o óleo proveniente destas sementes é o óleo bénico, hoje desaparecido de uso (*reclamante tamen pandectario qui est granis ben vel behen oleum esse affirmat hodie ex usu deperit*).

NOME XXXV – Υοσκυάμινον, óleo de hioscímio, da conhecida planta de Apolo, que se usa a nível particular para a gota dos pés. (*oleum hiosciami Apollinaris herbae dictae in privato usu habetur podagricis*).

NOME XXXVI – Κνιδέλαιον, óleo do grão da planta cnídio, isto é, do grão da gnídia ou timeleia, não a dafne (*oleum de grano cnidio id est de coco gnidia sive thymelaea non chamelaea thimelaeam*), que os Portugueses e os Espanhóis chamam trovisco; de facto, a dafne é o *mezereum*, como hoje dizem e não tem uso

(*Lusitani Hispanique turbiscum dicunt chamelaea vero mezereon ut aiunt est hodie in usu non habetur*).

NOME XXXVII – Ἐλαιον κήκινον, este (óleo) é proveniente da planta do cardo-bento ou do cârtamo, o açafreão de cultivo (*hoc est e cnico herba vel cartamo croco hortulano*).

NOME XXXVIII – Ῥαφάνινον ἔλαιον, óleo de rábano, um óleo inteiramente pisado com os pés pelos povos do norte (*oleum raphaninum plebeis septentrionalibus admodum protritum oleum*).

NOME XXXIX – Μελάνθινον ἔλαιον, óleo de melântio, óleo proveniente da nigela e o qual também não se encontra em uso (*oleum melanthinum, oleum de nigella vel git nec illud quoque in usu habetur*).

NOME XL – Σινάπινον ἔλαιον, óleo de mostarda, proveniente da mostardeira e que está em uso (*oleum sinapinum e sinapi habetur in usu*).

NOME XLI – Σινάπινον ἔλαιον, óleo de murta e que hoje é muito estimado nas boticas (*oleum myrteum vel myrtinum et hodie in officinis celebre habetur*).

NOME XLII – Δάφνινον ἔλαιον, óleo de loureiro conhecido e vulgar nos perfumadores (*oleum laurinum vulgatum et commune apud myropolas*).

NOME XLIII – Ἐλαιον σχίνον, óleo de lentisco que é feito a partir da semente do lentisco (*oleum lentiscinum quod ex lentisci semine fit*).

NOME XLIV – Μαστίχινον ἔλαιον, óleo de mastique, proveniente do mastique e encontra-se nos perfumistas (*oleum masticinum e mastiche et apud seplasiarios invenitur*).

NOME XLV – Ῥόδινον ἔλαιον, óleo de rosas, o qual, fora das boticas, o povo também confecciona com rosas maceradas em óleo ao sol, sendo colocadas de novo num vidro (*oleum rosarum quod extra officinas vulgus etiam conficit rosis oleo in sole maceratis et in vitro repositis nec nobis*). Neste momento, não há disposição para explicar isto com palavras mais distintas, o que será demonstrado em seu lugar a quem quer que seja (*in praesenti animus est haec maioribus explicare verbis cum quolibet suo loco demonstrabitur*).

Como será certamente visível para o leitor mais avisado, o texto desta tradução reflecte ainda uma

inquietação de permanente aperfeiçoamento, cujas dificuldades a seu tempo serão superadas com êxito. Fica, apesar disso, o testemunho de uma partilha.

Trata-se de um longo excerto onde se sente o fervilhar do espírito que caracterizou a empresa dos humanistas portugueses, que procuram uma sábia conciliação entre a tradição dos Antigos e as novas exigências sócio-culturais, como há muito já notou o ilustre professor da diáspora, Luiz de Sousa Rebelo¹⁸.

Na verdade, o humanismo renascentista foi um dos factores decisivos para a mudança de mentalidades. O latim seria a grande língua de comunicação nesta época e Amato Lusitano sabia usá-lo com mestria. A valorização das *litterae humaniores*, que se repercutiu na humanização do homem, coloca-o no centro das atenções: ao teocentrismo medieval sucede o antropocentrismo moderno. Este movimento, com raízes italianas, vai trazer uma matriz profundamente individualista. Os descobrimentos portugueses, ao colocarem o homem em novas situações e imprevistas, trouxeram, finalmente, uma nova mentalidade científica e ganhou alento um novo tipo de saber, de «experiência feita», de que já apontámos acima alguns nomes distintos desta corrente de pensamento entre nós. Este movimento teve profundas repercussões na filosofia e significou uma investida contra a tradicional autoridade aristotélica. Combateu-se a teoria dos universais e propunha-se para reflexão a natureza, o indivíduo, o concreto, o singular. Esta foi a teoria do conhecimento sugerida por Francisco Sanches (1550-1623), com a publicação do *Quod nihil Scitur*, na cidade francesa de Lião, em 1581. Para ele, o conhecimento humano tem dois caminhos: a experiência e a razão, o verdadeiro método das ciências do saber. Assim tomava expressão, entre nós, o nominalismo, uma corrente da escolástica que já se havia manifestado no séc. XIV, com o inglês Guilherme de Ockham (1255-1350).

Deste experimentalismo também muito haviam de beneficiar as Ciências Médicas, embora com a ressalva de que, na Antiguidade, só a Medicina havia de reconhecer os dois pilares fundamentais da ciência moderna: a experiência e a razão¹⁹. Para a história desta ciência, merece uma primeira referência Pedro Hispano, nascido em Lisboa, provavelmente em 1205, que antes de ser eleito Papa com o nome de João XXI, havia de escrever um dos primeiros compêndios modernos de medicina, *Thesaurus pauperum*, que conheceu mais de 81 edições impressas, datando a primeira edição em latim de 1497, feita em Antuérpia; na língua italiana, a primeira edição foi feita em Florença, em 1480. A Professora Maria Helena da Rocha Pereira deu à estampa, em 1973, numa edição patrocinada pela

Universidade de Coimbra, as obras médicas deste autor português, pioneiro na área da medicina. Nesta continuidade vai emergir, no século XVI, a figura pioneira de um outro grande médico português, de ascendência judaica, João Rodrigues de Castelo Branco.

O impacto dos novos conhecimentos adquiridos nas navegações, que propiciam grandes avanços na ciência da Geografia, em confronto com a tradição geográfica da Antiguidade, é analisado por João Daniel Lourenço, em artigo publicado na revista *Euphrosyne*²⁰.

É esta faceta do espírito humanista, que se afirma em inúmeros escritos dispersos, em obras que se filiam diretamente no experimentalismo, a base científica dos descobrimentos, «onde deriva o naturalismo renascentista, produto da navegação oceânica da observação múltipla e variada da flora e da fauna das novas terras, do exame do comportamento humano sob diferentes climas»²¹, já com visíveis ressonâncias em *In Dioscoridis Enarrationes* de Amato Lusitano, de que nos ocuparemos em próximo artigo, e que já foi devidamente assinalado por Ricardo Jorge²².

O *topos* literário da gesta dos descobrimentos, do espírito inquiridor, o valor da experiência tão bem traduzido pelo verso camoniano «vi claramente visto» (*Lusíadas*, V.18.1), materializando uma nova expressão da atitude renascentista, um saber de ‘experiência feito’, já acima referenciado, é uma linha de interpretação que encontrou eco na obra de Torga²³, quando de *Os Lusíadas* tece esta consideração:

“Tudo se encontra nesse prodigioso relato de insatisfação moderna a vencer as trevas da ignorância, a arredondar a concepção do mundo e a antever-lhe a harmonia futura. O homem é, finalmente, não mais um adorador limitado, mas um interrogador ilimitado. Duvida, congemina, verifica. [...] A ciência do passado, aceite sem discussão, à sombra da autoridade, é posta agora em causa, em nome da observação directa dos fenómenos. “

Notas

- 1 - Vide Duarte Pacheco Pereira, *Principio do Esmeraldo de situ orbis* [manuscrito], feito e composto por Duarte Pacheco, cauleiro da caça del rey Dom João o Segundo de Portugal... [depois de 1750]. – [l], 80 f., enc.; 31 cm; Onésimo T. Almeida, «Sobre a revolução da experiência no Portugal do século XVI: na pista do conceito de “Experiência a Madre das Cousas”», in *Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Oxford-Coimbra, 1998, pp. 1617-1625 (adaptado), disponível no acesso <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e34.html> (consultado em 2012.09.24); Jorge Borges de Macedo (1987), «Para o estudo da mentalidade portuguesa no século XVI – Uma ideologia de Cortesão», *Revista ICALP*, vol. 7 e 8, Março-Junho, 73-106, disponível no acesso <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/mentalidade.pdf> (consultado em 2012.09.21).
- 2 - A. J. Andrade de Gouveia, *Garcia d’Orta e Amato Lusitano na Ciência do seu Tempo*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, (Biblioteca Breve, Vol. 102), 1985, p. 7.
- 3 - Para mais pormenores, vide António Manuel Lopes Andrade, «A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Gomes», *Cadernos de Estudos Sefardistas*, n.os 10-11, 2011, pp. 87-130.
- 4 - AMATO LUSITANO, INDEX DIOSCORIDIS. | En candide Lector. | HISTORIALES DI- | oscoridis campi, Exegemataque sim- | plicium, atque eorundem Collationes | cum his quae in officinis habentur, ne | dum medicis et Myropolio= | rum Sepalsarijs, sed Bona= | rum literarum studio | sissimis perquam | necessariis | opus. | IOANNE RODERICO CASTE | li albi Lusitano autore. | EXCVDEBAT ANTVERPIAE VI- | dua Martini Caesaris. M.D.XXXVI.
- 5 - AMATO LUSITANO, IN DIOSCORIDIS | ANAZARBEI DE MEDICA | MATERIA LIBROS QVINQUE | ENARRATIONES ERVDITISSIMAE | DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI | AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI, | quibus non solum Officinarum Sepalsia- | rijs, sed bonarum etiam literarum stu- | diosis utilitas adfertur, quum pas- | sim simplicia Graece, Latine, | Italice, Hispanice, Germa- | nice, & Gallice pro- | ponantur. | Cum Priuilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. | VENETIIS. MD.LIII. | [Venetijs apud Gualterum Scotum | M.D.LIII.]
- 6 - Vide António Manuel Lopes Andrade, *op. cit.*, pp. 110-111.
- 7 - Cf. João José Alves Dias, *Iniciação à Bibliofilia*, Pró-Associação Portuguesa de Alfarrabistas, Lisboa, 1994, pp. 18-20.
- 8 - Sabor semelhante ao da casca da romã.
- 9 - Arbusto espinhoso.
- 10 - O mesmo que catapereiro, isto é, pereira silvestre em que se enxertam pereiras cultivadas.
- 11 - Termo médico identificado por Antonio de Nebrija, *Dictionarium medicum*, introducción, edición y glosario de Avelina Carrera de la Red, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2001, pp.228-229: parece ser um termo de origem árabe; em Andrés Laguna, aparece a forma *darsisaban* como sinónimo de *aspalathus*; em *Avicena encontra-se uma descrição desta planta (Canon II, Tract. II, Cap. CCXI)*.
- 12 - O cronista Fernão Lopes de Castanheda faz-lhe referência em *Ho terceiro livro da historia do descobrimento e conquista da Índia polos Portugueses*, publicado em Coimbra, em 1552: capítulo LXIII, página 218. Diz ele, neste sítio, que na Índia lhe chamam «calambuco, que val na Índia a peso douro».
- 13 - Casca aromática da árvore do incenso.
- 14 - Conhecida também por alfarrobeira e figueira-de-pitágoras.
- 15 - O mesmo que lacre.
- 16 - Cada uma das estrelas que formam a constelação das Plêiadas.
- 17 - Trata-se de uma espécie de oliveira brava.
- 18 - Cf. *A tradição clássica na literatura portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1982, p. 85.
- 19 - Cf. Juan Gil, «De la ciencia al mito», *Euphrosyne*, nova série, 27, 1999, p. 222.
- 20 - Cf. «A descoberta dos antigos no Renascimento: o caso particular da Geografia de Ptolomeu», *Euphrosyne*, nova série, 27, 1999, pp.339-350.
- 21 - Luís de Sousa Rebelo, *op. cit.*, p. 93.
- 22 - Cf. *Amato Lusitano: comentários à sua vida, obra e época*, Lisboa, 1962.
- 23 - Miguel Torga, *Diário XV*, Coimbra, Edição do Autor, 1990, pp. 26-27.

** Esta colaboração é resultado da nossa participação no Projecto PTDC/CLE-LLI/101238/2008, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, assim intitulado: «Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano». Trata-se de um trabalho apoiado, ainda, no âmbito do Projecto Estratégico - *Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEF/FFB/UCP)** - 2011-2012*, com a referência *PEst-OE/FIL/Ulo683/2011.

* Universidade Católica Portuguesa – Braga